

RESENHA**CECILIA CINTRA CAVALEIRO DE MACEDO
JUVENAL SAVIAN FILHO (ORGS.)****FILOSOFIA JUDAICA EM DIÁLOGO**

São Paulo: Garimpo Editorial, 2016. 264 p.

POR YONATHAN LISTIK*

Antes mesmo de abrir o livro “Filosofia Judaica em Diálogo”, surge a pergunta sobre o significado de seu título: a filosófica judaica está dialogando ou ela é o objeto do diálogo? Se ela está dialogando, com quem dialoga a filosofia judaica? Ou, se ela é o tópico sobre o qual ocorre o diálogo, quais as questões que o determinam? Os textos que compõem essa coletânea parecem estar localizados justamente na interseção das duas questões. Por um lado, tais textos trazem discussões acerca da relação entre judaísmo e outros campos do conhecimento, e, por outro, parecem, simultaneamente, refletir sobre a natureza do judaísmo em si. Mesmo em textos que parecem pertencer exclusivamente a uma dessas esferas, seja apresentando uma discussão puramente interna ao judaísmo, como em “Filosofia e mística em Ibn Gabirol: a imagem do Trono”, seja exclusivamente acerca da sua relação com outros campos, como em “As conturbadas relações entre o epicurismo e a filosofia judaica”, encontramos a ambiguidade mencionada anteriormente na qual a filosofia judaica é, ao mesmo tempo, tratada como conversa e tópico do debate.

Tal nuance evidentemente não é acidental. O diálogo proposto por Cecilia Cintra Cavaleiro de Macedo e Juvenal Savian Filho se pauta justamente na duplicidade de como

* Yonathan Listik é Mestre em Filosofia pela Universidade de Tel Aviv. Bacharel e licenciado em Filosofia, Sociologia e Antropologia na Universidade Hebraica de Jerusalém. Lecionou na Universidade de Tel Aviv e atualmente ministra cursos de extensão em filosofia judaica e língua hebraica na UNIFESP- Campus Guarulhos. Tem especial interesse nas áreas de ontologia política contemporânea, estética e filosofia da educação.

pensar a filosofia judaica, posto que, ao dialogar sobre a filosofia judaica, estamos invariavelmente dialogando com ela e, ao mesmo tempo, introduzindo no debate elementos externos a ela. Não existe debate sobre a filosofia judaica que não passe por sua relação com conceitos, ideias ou temas, os quais são tão inerentes quanto estranhos a ela.

O texto de Alexandre Leone, “A ideia de infinito em Hasdai Crescas tecida a partir da crítica às posições de Maimônides” pode ser lido como um exemplo do que estamos apresentando. O autor elucida o desenvolvimento da concepção judaica de infinito, apontando, a partir de conceitos encontrados nos textos canônicos como *ein takhlit* ou *ein mispar*, que a ideia sempre existiu no judaísmo. Mas, ao lado disso, afirma que ela nem sempre apareceu sob a mesma concepção nas reflexões sobre a natureza desse infinito. Ou seja, em sua análise, expõe como a noção de infinito é fruto do pensamento especulativo interno ao judaísmo acerca da sua natureza nos textos canônicos, do mesmo modo em que se apresenta como fruto de uma troca com perspectivas de inspiração alheia a eles.

Leone pontua que a principal transformação do conceito aconteceu quando o infinito deixou de pontuar a ausência de algo e passou a denominar a própria essência de Deus- infinito; deixou de adjetivar o divino como aquele que não possui número ou fim e passou a ser sinônimo dele, tornando-se assim um substantivo. Essa transformação, segundo o autor, ocorreu graças à tentativa de Crescas de ressignificar os conceitos canônicos dentro de uma discussão com concepções de infinito oriundos da filosofia helenista e árabe, com o fim de mostrar que os conceitos judaicos podem resolver diversas questões presentes nas concepções de infinito apresentadas por eles e assim se firmar como a concepção correta de infinito. “Diferente desses dois místicos [Isaac o cego e Azriel de Gerona], porém, a abordagem de Crescas se apresenta mais geométrica e física, fundada numa argumentação que está em diálogo com a tradição filosófica-aristotélica...” (pag. 141).

Na lógica interna do livro, podemos pensar também, além do que já foi apontado, como os textos se comunicam entre si formando uma relação que possibilita ao leitor, através desse confronto, pensar o diálogo proposto pelo título do livro para além dos argumentos diretamente expostos nos textos. Ou seja, pensamos que é possível criar

uma relação entre os textos da coletânea, com o objetivo de extrapolar o conteúdo diretamente exposto pelos autores e explorar assim questões indiretamente sugeridas em seus textos.

Os capítulos “A imanência da palavra no mundo criado: considerações sobre dualismo e alegoria em Filon de Alexandria” de Dax Moraes e “Franz Rosenzweig, tradutor de HaLevi: entre teologia, filosofia e linguagem” de Maria Cristina Mariante Guarnieri, apesar de tratarem de autores distintos, e cronologicamente distantes, têm em comum o fato que ambos apontam para a tentativa de conciliar uma filosofia geral com os conceitos presentes no judaísmo, encontrando, justamente na linguagem, um ponto nodal para essa conciliação. No primeiro caso, temos uma noção de língua ontologicamente carregada pela criação divina: “As palavras, dotadas de semântica própria e irreduzível (visto que correspondem inalienavelmente às coisas individuais por elas nomeadas)...” (pag. 32). Moraes argumenta que Filon se apropria do conceito de logos a fim de demonstrar que essa verdade encarnada deve ser entendida como a presença divina no ato criativo, ou seja, a palavra divina viva no mundo por meio da sua criação.

De certa maneira, a descrição feita por Guarnieri dos dilemas enfrentados por Rosenzweig e da relevância que HaLevi possui em tal contexto apresentam uma perspectiva da língua complementar à visão apresentada no primeiro texto: a língua apresenta a verdade do mundo. A questão ontológica não aparece no texto de Guarnieri, mas, mesmo assim, ambos debatem a natureza da língua partindo de um mesmo pressuposto. Acreditamos existir, nesse ponto, uma convergência não explícita entre os dois textos acerca da natureza de uma possível verdade. Apesar dos filósofos abordados discordarem significativamente quanto ao possível caráter da verdade, pensamos não se tratar uma diferença radical, uma vez que, essencialmente, isso é, na sua raiz, os argumentos expostos afirmam que a linguagem revela e somente através dela a reflexão filosófica se torna possível. Portanto, podemos entender que a noção de verdade como logos aparece como o denominador comum.

Nesse contexto, os textos de Cecília Cintra Cavaleiro de Macedo, “Filosofia e mística em Ibn Gabirol: a imagem do Trono”, e Cristina Ciucu, “Por uma fenomenologia das sefirot na Kabbalah pré-Luriânica” nos parecem interessantes, pois encontramos ali

uma relação oposta àquela apresentada antes: uma divergência em que os textos tratam dos mesmos assuntos e parecem concordar em praticamente tudo, mas apresentam uma diferença essencial. Ambos tratam do pensamento místico anterior à solidificação da Cabala como um eixo central do pensamento judaico. Além disso, as autoras parecem encontrar nesse período a questão seminal do que posteriormente aparecerá desenvolvido em diversos autores e, assim, veem nesse período a chave para compreender o desenvolvimento da filosofia judaica em geral. No entanto, existe entre elas uma diferença crucial: enquanto Ciucu foca sua empreitada na busca do fenômeno das sefirot, ou seja, do modo pelo qual suas manifestações são compreendidas no pensamento judaico, Cavaleiro de Macedo explora a relação entre o trono e a matéria, colocando-nos, portanto, diante de uma espécie de ontologia mística. No primeiro texto, a mística aparece como um modelo hermenêutico que estabelece uma imagem do mundo. No segundo texto, a mística é a tentativa de tocar a real natureza do mundo. Ou em termos técnicos, o primeiro texto comenta sobre a mística como uma estrutura epistemológica e o segundo comenta sobre a mística como uma estrutura ontológica.

Há ainda um aspecto que permeia outros dois textos da coletânea: “Lugar e função da literatura de controvérsia anticristã no pensamento judaico medieval” de Philippe Bobichon, e “Os obstáculos ao conhecimento em Maimônides e Roger Bacon” de Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento, buscam identificar como a relação entre o judaísmo e o cristianismo marcou o pensamento judaico. Esse último texto, apesar de curto, apresenta um ponto interessante: Roger Bacon e Maimônides possuem, mesmo que por diferentes motivos, uma relação ambígua com a noção de que a autoridade e o costume servem de fundamentação para conhecimento verdadeiro. Se, por um lado, estes figuram como as causas do erro, ao se originarem em uma falsa premissa, por outro consistem na origem dos bons costumes, quando se fundam sob uma base legítima.

Esse ponto se liga com o texto de Bobichon justamente pelo fato de que o problema da autoridade permeia os argumentos usados pelos judeus contra o pensamento cristão. Em suas críticas do Cristianismo, os autores mencionados por Bobichon, através de provas contra o Novo Testamento e a vinda do Messias, por exemplo, tentam demonstrar como o Cristianismo se fundaria sobre falsas premissas e, portanto, não possuiria legitimidade como argumento: “É, portanto, necessário empregar as mesmas vias de refuta, apoiando-se em suas próprias referências (novo testamento e tradição

patrística), servindo-se daquelas referências que são partilhadas com eles (a Bíblia hebraica)...” (pag. 179). A falsa autoridade do Cristianismo não o tornaria somente um erro, como também um obstáculo para os cristãos, posto que os impediria de ver as limitações do Cristianismo. Ou seja, a falsa autoridade não somente cria o erro, mas também impossibilita o seu reconhecimento.

Por fim, é ainda importante ressaltar um ponto sobre os textos “As conturbadas relações entre o epicurismo e a filosofia judaica” de Edrisi Fernandes e “O novo Pensamento de Franz Rosenzweig como articulação entre as tradições da filosofia e do judaísmo” de Jose Luiz Bueno, pois, vemos neles articulado um dos principais dilemas do pensamento judaico: a manutenção não dogmática da tradição. Como Fernandes demonstra, o “moderno” ou o “atual” nem sempre se encaixam no judaísmo. Em diversos momentos da história, o judaísmo se mostrou hostil à mudança. O texto de Fernandes descreve como o helenismo foi durante muito tempo, e talvez seja até hoje, considerado pejorativo no judaísmo. Mais especificamente, o autor narra como o epicurismo se tornou quase que um antônimo do judaísmo, pois tudo aquilo que se opunha ao judaísmo era associado, justa ou injustamente, a ele. Ou seja, o pensamento judaico se vê como hermeticamente fechado frente qualquer mudança. Fernandes demonstra que essa perspectiva está obviamente equivocada ao explorar a enorme influência epicurista sobre o judaísmo. O autor explora a possibilidade de o epicurismo ser parte integral de um dos textos mais central do judaísmo: a lenda dos quatro sábios que entraram no Paredes (pag. 199-201). Mesmo assim, o desafio de conciliar entre o moderno e o tradicional permeia o judaísmo e, conforme Bueno, é justamente a esse desafio que Rosenzweig pretende responder.

Para Bueno, Rosenzweig não é meramente um filósofo judeu ou um filósofo do judaísmo, ele é um filósofo cujo método é judaico. Ou seja, da mesma maneira como Hegel é dialético, Descartes é racional e Locke é empirista, Rosenzweig é judeu. Não cabe aqui entrar em detalhes de como ele faz isso, porém é essencial pensar a quão revolucionária é essa mudança. O judaísmo deixa de ser o objeto do pensamento e se torna o pensamento em si. Não se trata de aplicar o pensamento filosófico tradicional ao judaísmo, mas de fundir filosofia e judaísmo em uma nova estrutura universal de reflexão.

Considerando a leitura do livro em seu conjunto, fica claro que existem diversos

caminhos dentro dele: inúmeras intersecções possíveis entre os textos e diversas perspectivas de leitura em cada um deles. Apresentamos aqui somente aqueles que nos pareciam mais urgentes. Em nossa resenha, tentamos apenas traçar algumas linhas entre os textos que colocassem o foco em pontos de interseção interessantes e, às vezes, não tão evidentes. Desta maneira, tentamos mostrar como a coletânea não se limita a solidificar uma base para pensar o judaísmo, mas oferece ainda a fundamentação para sua continuação: como ela chama a atenção para questões vitais do pensamento judaico e convida o leitor para esse diálogo. Sendo assim, fica bem claro que o livro não propõe colocar a filosofia judaica em diálogo, pois ela não a apresenta como um objeto concreto e estabelecido. Ao invés disso, o livro apresenta o diálogo sobre e com o próprio conceito de filosofia judaica: “[...] apresentar o pensamento judaico em permanente dialogo, seja entre diferentes períodos históricos, seja entre as expressões religiosas e a filosofia tida como puramente racional, seja com autores ou escolas específicas do pensamento filosófico.” (pag. 17)